

O processo de avaliação é um processo de crescimento do aluno como ser humano, como leitor ou escritor ou como alguém que se faz presente na comunidade

Quem tem ou teve o privilégio de conhecer, de conversar, de conviver com o Prof. Geraldo Faria Campos, certamente, teve a oportunidade de ouvir as ponderações, as considerações, sempre de vanguarda, que ele tece sobre avaliação escolar. Professor de Língua Portuguesa, desde cedo, ele percebeu que isso significa promover a produção de leitura e de escrita. Assim como Paulo Freire, seu trabalho docente manteve constante o diálogo entre leitura do mundo/leitura da palavra/leitura do mundo: o mundo como texto e a palavra como possibilidade de acessá-lo. Em um exercício pedagógico dessa envergadura, defende o Prof. Geraldo, a avaliação escolar não cabe dentro de números. É preciso concebê-la numa dimensão de amplitude que extrapole os limites da sala de aula, dos muros da escola; dos estatutos, dos regimentos, dos currículos escolares. Pensa esse professor que a avaliação escolar deve servir à formação humana; portanto, deve mais diagnosticar que classificar, promover que excluir.

Na escola, como era a sua experiência com a avaliação?

Eu ficava me perguntando por que o professor dividia o conhecimento. Por que ele sabia que o aluno sabia 6,71? É muita pontaria para poder acertar. Quando nós chegamos ao Colégio de Aplicação, a avaliação era por conceito e isso facilitava valorizar o aluno quando ele comparava, ele pegava o segundo parágrafo e ligava ao primeiro; quando ele deduzia, concluía, trazia um pensamento novo. Avaliar por conceito é muito diferente de você avaliar por número. Eu tive a felicidade no colégio de durante trinta anos não dar prova. Sabe que eu nunca dei uma prova? Eu não trabalhava com prova, eu trabalhava a produção escrita, a produção da leitura com cada aluno, considerando as suas particularidades, mas isso é difícil, a gente vai aprendendo. Por exemplo, um aluno lia um livro, mas ele só tinha a capacidade de ler um livro fino; então, como é que eu ia avaliar esse aluno que leu um

livro fino e o outro que leu um livro grosso, um livro considerado mais importante? A gente vai encontrando esse tipo de dificuldade, a gente vai apanhando no aprendizado, mas você sai assim um pouco diferente porque vai percebendo aonde o aluno chegou. Por exemplo, a gente começava a discutir livro fino e livro grosso, então eles [alunos] chegavam a conclusões engraçadíssimas: tinha livro fino ruim e livro fino bom e tinha livro grosso ruim e livro grosso bom. Eles iam fazendo este jogo. Outra coisa: os alunos podiam abandonar a leitura. Você imagina um colégio em que o professor indica um livro só para todo mundo ler, primeiro que você não tem 40 exemplares do livro para os alunos, um vai ficar sem, e se vão comprar, hoje não sei como é, mas no tempo passado o preço aumentava, porque passava a haver uma maior demanda do livro, aí nem sempre as famílias tinham condições de comprar. O nosso grande ganho na mudança para o Campus II foi a biblioteca. Quando estávamos na Faculdade de Educação, o colégio era muito mais de elite, mas não tinha biblioteca, vocês sabiam disso? A Faculdade de Educação tinha uma biblioteca velha, numa salinha lá, com uns poucos exemplares, mas não era biblioteca para jovem. Então, quando a gente foi para o Campus II, em 1980, a gente ganhou uma biblioteca e, com o correr do tempo, o aluno podia levar livros para casa. Isso foi um grande ganho que nós tivemos.

Você avaliava a produção de leitura? Como?

Nesta avaliação, eu punha uma proposta para os alunos: ler um livro, ou três crônicas, ou cinco artigos de jornal, ou outros textos que eles escolhessem, não tinha um número, não era um número exato, eu punha cinco, mas se ele lesse três estava bom, a gente conversava e ele escrevia. Mas às vezes a leitura dava até briga. Uma vez um aluno quis contar um livro na sala, eu lia o livro também. Por exemplo, um livro muito lido pelos alunos era *Capitães de areia*. Eu tinha uma série de perguntas sobre o livro, mas eles não precisavam se centrar nas minhas perguntas. Eu perguntava, por exemplo, sobre um personagem, mas o aluno dizia: “não, eu quero falar sobre o Pedro Bala”. Então, ele falava sobre o Pedro Bala, aí eu entrava com perguntas e às vezes até a própria turma entrava para perguntar. Essa leitura era anotada para eles [alunos], aí eles me davam textos escritos sobre isso e,

assim, completavam o trabalho de leitura. Contar o livro nem sempre todo mundo fazia, mas eu anotava quem fazia a leitura e quem não fazia.

E com relação à escrita, como era a avaliação?

Eu punha um número imaginário: seis redações por bimestre, três em um mês e três no outro mês ou então oito redações por bimestre, quatro num mês e quatro no outro mês, do tamanho que fosse. Eu não tinha o tamanho, a medida, mas eu ia percebendo que o aluno só escrevia bilheteinho. Então, ele tinha que crescer na escrita, eu tinha que pensar mais com ele. Mas a coisa boa do colégio era ter poucos alunos na sala de aula e poucas turmas. Era uma espécie de sabedoria, a gente tinha três turmas, mas não era para folgar, não. Era para a gente se dedicar mais. Isso era diferente do que acontecia com os professores do Estado. Veja bem, o professor do Estado tinha trezentos alunos, duzentos e cinquenta alunos. Eu tinha noventa e eu tinha um período todo para isso, porque a universidade me pagava pela dedicação exclusiva. Então, eu tinha um tempo todo para isso e foi assim que eu consegui me embrenhar mesmo nessa tarefa e me dedicar à avaliação dos textos dos alunos. Mas era um sufoco. Havia semana que eu acordava duas horas da manhã para ler os textos, para trabalhar a avaliação, eu nunca lia um texto cansado.

Quais eram os procedimentos usados por você para avaliar os alunos?

Você tem uma meta de chegada, você põe uma meta imaginária. Esse aluno aqui precisa caminhar mais, esse outro já caminhou melhor, então, por exemplo, um aluno que lia muito, às vezes, eu marcava uma tarefa diferente. Uma vez, um menino de oitava série se propôs a ler *Teresa Batista Cansada de Guerra*, do Jorge Amado, que é um calhamaço. Depois que ele leu, ele me disse: “eu só li porque eu queria provar para mim que eu dou conta de ler um livro grosso”. E ele leu mesmo e nós discutimos o livro. Então, cada aluno vai saindo na medida dele, vai crescendo na medida dele. Eu tinha o caderno de anotações com uma página por aluno. Eu anotava o que ele fez no mês, o que ele não fez, por exemplo. Com relação às redações, eu anotava se tinha erro de concordância, se tinha erro de pontuação, se escrevia períodos longos, se estava pensando bem... Esse tipo de avaliação, eu acho, vai dando ao professor caminhos para ele ir em frente.

Você já mencionou, mas gostaria que você falasse um pouco mais sobre a sua opinião a respeito da avaliação por meio do número.

Eu acho que um número limita demais a pessoa, você fica só no número. Depois que trabalhei com conceito no colégio, eu não vejo mais o número dando caminho, o número não dá caminho. Não é uma tarefa fácil, mas se o professor acompanhar, ele também vai à leitura, lendo os trabalhos dos alunos. Uma coisa que ajudava muito na avaliação era esta variedade de textos: crônicas, poesia, charge... você pegava textos variados e entregava aos alunos para chegar ao gosto deles e para daí ele partir para o livro. A nossa finalidade na prática da leitura é chegar ao livro e as pessoas não entendem isso quando se está trabalhando, por exemplo, com uma charge. Elas pensam que você está se divertindo, está brincando, mas não é isso. Às vezes, até o menino começa a fazer uma leitura mais crítica, uma leitura de mais pensar, de mais procura da língua portuguesa. Nós precisamos procurá-la, procurar para gostarmos dela. Ela não é assim muito fácil, muito gostosa, mas à medida que você vai sendo apanhado por ela, você se apaixona. E a avaliação realizada dessa forma é mais difícil do que a de número, porque você tem que fazer as anotações.

Que lugar a autoavaliação ocupou no contexto escolar em que você era o professor?

À medida que você vai tendo assim uma convivência com o aluno, ele corrige a sua avaliação. Eu tinha o costume de fazer autoavaliação, mas não era autoavaliação coisíssima nenhuma. Eu fazia pergunta sobre a escrita, sobre a leitura e ele [aluno] tinha que me responder e essa avaliação eu conferia com os dados que eu tinha sobre ele, se ele tinha lido, se tinha gostado do que leu, se tinha feito o melhor, se tinha feito um trabalho diferente, se fez descoberta, se a linguagem estava melhorando, se a escrita estava melhorando. Era uma avaliação em que eu fazia perguntas e às vezes as respostas ficavam meio pobres, mas, muitas vezes, o aluno corrigia a minha avaliação. Ele me respondia: “não, eu li muito rápido, eu não quis nem contar para o senhor, mas eu li o livro”. Claro que eu sempre conferia as respostas com as anotações do meu caderno. Eu também avaliava o texto em que ele me dava respostas às questões que eu propunha, olhava a riqueza desse texto e via que, muitas vezes, ele não correspondia à minha avaliação,

afinal, era um texto que ele fazia em sala de aula, não levava para casa, não pedia ninguém para fazer. Então, a autoavaliação do aluno desbancava a minha avaliação, não que ele me tapeasse, mas se isso acontecesse, na terceira vez, eu descobria, aí a gente tinha que ter uma conversa, um debate. Eu lhe dizia: “olhe, você está me enganando, essa coisa aqui não é verdade”. E tudo isso é dentro do processo de avaliação.

Você se utilizou muito da prática de escrever bilhetes no final dos textos dos alunos, após sua leitura. Qual a importância dessa prática para você?

Uma menina, depois, na condição de estagiária, me fez uma confissão. Ela tinha medo de mim, ela não conversava comigo, eu fui um professor de que ela gostou muito na vida, mas ela não conversava, eu não sabia disso, eu não sabia que ela tinha medo de mim. Mas ela disse também que gostava dos bilhetes. Ah! E com relação a essa prática dos bilhetes, o Paulo Marcelino me ajudou muito. Eu fiz um curso de especialização e ele sugeriu que eu fizesse o trabalho final sobre os bilhetes, os bilhetes que eu punha para os meninos nos textos. Eu fiz o trabalho sobre esses bilhetes... Esses bilhetes ajudavam muito porque os alunos esperavam o que eu ia falar sobre as redações deles e eles me respondiam e, às vezes, a redação se tornava assim um negócio comprido, você escreve e o outro escreve também até que um dia um diz: “chega desse assunto aí”. Então, era um texto, uma redação que se tornava, às vezes, até um processo. Às vezes, ele [o aluno] escrevia quatro vezes para mim e eu escrevia três vezes para ele. E essa troca também entrava no processo de avaliação, porque o aluno estava dando uma sequência. Às vezes, eles mudavam o assunto, mas continuavam escrevendo e, assim, eu percebia um crescimento, percebia uma argumentação.

Você se julga um professor que sempre valorizava o aluno?

Eu não distribuía conceito “A” a torto e a direito, não. Se o menino estava com dificuldade, se estava começando, aí ganhava lá um “C” e eu anotava alguma coisa no meu caderno. Eu não gosto de dar inicialmente o conceito de reprovação, porque o aluno chegava ao colégio e em dois meses nós tínhamos de dar uma avaliação, não era isso? Aí nós criamos um

artifício de colocar um “R”, sinalizando que ele estava de recuperação e nós não dávamos o conceito em dois meses. Isso é uma riqueza do processo de avaliação porque, veja bem, o menino chega não sei de onde, chega do interior, por exemplo, mas o que dá para ele aprender em dois meses, quatro meses? Quando chega aos seis meses, você percebe que já tem uma caminhada e o aluno pode, então, ser avaliado. Mas eu acho que às vezes o pessoal da matemática que gosta muito de número faz um processo errado. Se o aluno chegou no 1,0, mas do 1,0 ele foi ao 3,0, quanto ele cresceu? 200%, não é? Mas a conta dos matemáticos não é essa. Para eles, o aluno continua no negativo e está reprovado. Isso não é engraçado? Então, a avaliação mexe muito com a nossa cabeça porque ela tem que deixar a gente sempre preparado para pensar sobre ela. Você nunca pode deixar de pensar nela. Eu ficava numa tristeza de ver pessoas que, com a maior calma do mundo, faziam avaliação, davam as notas e pronto, não se importando se se reprovou ou não. É como se aquilo não tivesse uma ligação com o processo de produção do aluno. Eu acho que a gente demora muito a aprender. O aluno não passou, não está bom, então, vai se recuperar. Não é isso que a escola tem que fazer com o aluno?

Você, então, em detrimento do número, defende o conceito como mecanismo para avaliar o aluno?

Conceito não resolve, mas ele é muito melhor que o número. Ele fala em comparação, ele fala em síntese, ele faz você pensar em, por exemplo, como é que se percebe que um aluno está melhorando. É preciso ficar atento a isso, perceber que o aluno está crescendo, ele está indo, ele está conseguindo absorver informações dos livros e passar para ele. Eu achei muito interessante, eu estava lendo Machado de Assis e fui escrever para uma pessoa e escrevi como ele, meio difícil. Aí, eu pensei comigo mesmo: isso é meio difícil, não é meu, é do Machado de Assis. Depois comecei a brigar e dizer: “é meu, eu fui lá no livro e engoli, passei para mim, é meu”. Foi quando eu comecei a brincar. Professor de português tem essas manias e comecei a brincar com o problema de usar mesóclise, como “falar-lhe-ei”, “amá-la-ei”, mas de repente você pode usar no meio de um texto seu. Por que não? Você absorveu aquilo, você pode fazer, por que só o escritor? Então, eu achei muito bom quando o escritor disse assim “não, o leitor

também é importante! Ele se torna um novo escritor com o escritor!” Eu adorava quando descobria: o leitor também é gente! Na verdade, a avaliação precisa ser refeita, rebatizada, eu acho que a avaliação boa é quando você faz uma avaliação junto com o aluno, ele também lhe dá dados, ele fornece informações de que ele também está tomando conta do processo dele, do estudo dele, da situação dele, do pensar dele, porque é muito ruim o problema da nota. Ela desvincula o professor do aluno, você deu a nota: pronto, é 8, é 10. Ele tem cara de nove. Isso aconteceu comigo uma vez numa escola particular. Eu sonhei que meus alunos tinham uma nota, tinham a cara da nota que eu dava a eles, aluno com cara de 4, outro aluno com cara de 5, aluno com cara de 6, eu estava marcando os alunos com a nota, tudo isso me levava a pensar... Agora, é difícil, tem pouca gente para ajudar a pensar e procurar um caminho para melhorar o tipo de avaliação. Eu não sou dono da avaliação, parece que a avaliação dá para nós um sentido de coronelismo, eu mando no aluno. Há muito aluno que tem medo do professor por causa da avaliação.

Você sempre propôs também a avaliação interdisciplinar...

Ah! Esse também acho que é outro problema triste da escola! Eu fui fazer um tratamento recente... acupuntura. E a senhora que coloca as agulhas em mim, ela trabalha com médicos e ela fala isso: “não, eu só aceito trabalho interdisciplinar, ele [o médico] faz os estudos que ele tem lá e passa para mim, às vezes eu digo para ele que pode ser mais suave, ter mais exercício, mas a gente tem que trabalhar interdisciplinarmente, eu não posso não depender dele e ele não pode não depender de mim.” Então, veja bem, na língua portuguesa, se a gente tivesse um casamento com um professor de geografia, de história... por que a gente não poderia avaliar a linguagem, a escrita, os pensamentos? O professor de português não poderia avaliar a prova de história, a prova de geografia do mesmo jeito que o professor de história poderia avaliar a escrita do menino? Porque, veja bem, a escola marca para os alunos, às vezes, uma semana de quatro provas... semanas de seis provas, havia dia na escola de duas provas, até três provas... parece que a avaliação vira, assim, uma espécie de um inferno, produzir tudo aquilo, dar um dado corretinho sobre tudo aquilo... Então seria bom se as disciplinas pudessem trabalhar juntas, mas há um empecilho muito grande nas nossas

escolas. Nós, professores, morremos de medo um do outro, nós temos medo de que o outro saiba que eu não sei muito, de que ele saiba que eu estou começando como professor. Eu tenho pensado em um projeto de escola. Se a gente pudesse sentar e conversar sobre um projeto de escola! Os professores teriam convivência, ganhando um salário suficiente, teriam uma obrigação de ficar ali naquela escola, por exemplo, 10 anos, se não, depois eles teriam que repor isso, não sei como, porque, para criar um clima de escola é preciso haver frequência, biblioteca, um professor procurando outro para conversar, para discutir, para pensar uma escola para os alunos. Isso tudo pesa na avaliação, porque quando os professores vão pensar em avaliação, eles não pensam em conversar com outros professores daquela turma. Dizer: “olha, o menino tal, ele está tendo dificuldade comigo etc etc etc.” Então, às vezes, o menino tem uma estima por um professor x e você pode chegar a esse menino pelo professor x, ele pode passar a olhar melhor a sua matéria. Tudo isso na escola teria que entrar no processo de avaliação, que não deveria ser um sistema numérico, por isso que eu já penso assim, o numérico já é eliminado de cara por tudo o que você pensar; se não for reflexão, se não for comparação, se não se fizer síntese, se não se olhar o crescimento do aluno em tais e tais disciplinas, não vejo como esse modelo de avaliação ser efetivado. Mas o que os professores das outras áreas fazem é pensar que a gente da área de humanas é sempre largado, é sempre sem rumo, sem objetivo e eles acham que a gente aceita tudo o que vem, então, fica difícil. Qual é a nossa relação com a área de exatas? Recentemente, eu vi algumas coisas boas da matemática. Essa disciplina já está aceitando dois caminhos, duas situações da resolução de problemas. Então eu acho que também os professores dessa área começam a pensar sobre avaliação. Se tivéssemos um entrelaçamento, uma prática interdisciplinar, se convivéssemos e conversássemos mais, eles poderiam nos ajudar a melhorar essa situação da avaliação e nós poderíamos também ajudar na avaliação deles. Veja bem, a avaliação, longe de ser um item lá do programa, ela é uma globalização que contempla todo o ensino. Não é muito fácil pensarmos a avaliação, mas ela abre perspectivas muito boas para o professor caminhar.

E a importância que se dá ao erro na escola? O que você pensa sobre isso?

Olhe, eu acho que aluno erra, o professor erra, agora, por que fazer culto do erro? Nós fazemos culto do erro. Às vezes, tenho um espí-

rito meio avacalhado. Fui a uma reunião na Faculdade de Educação, chamaram um professor do Rio de Janeiro. Essas pessoas vinham, ficavam em hotéis importantes, recebiam diárias para falar com a gente. Falavam sobre o professor que tirava um ponto por cada erro do aluno. O aluno ficava devendo, às vezes, 15 pontos para o professor, imagine o sistema de avaliação!!! O sistema é esse!!! O professor que veio do Rio sugeriu: “por que o professor não dava um ponto por cada acerto?” Eu dei uma gargalhada no meio da palestra! Um sujeito vir do Rio de Janeiro para nos falar isso! Eu comecei a rir, todos olharam, ficaram assustados. Veja você, quando é que nós, professores de Língua Portuguesa, dominamos bem a análise sintática? Eu demorei de 15 a 20 anos para ver as coisas mais claramente. Até acho muito engraçado, outro dia peguei um texto jornalístico, [em uma frase] tinha um sujeito do tamanho do mundo, o sujeito ocupava três linhas, depois tinha uma vírgula, tinha uma pequena intercalação e o verbo relacionado a ele vinha lá na frente! Eu pensei, assim: “coitado do aluno, perceber que tudo isso é o sujeito...” Então, por que usar na prova a análise sintática só para tirar nota do aluno? Se nós tínhamos dificuldade de aprender, imagine o aluno?! E outra coisa, para os alunos, complemento nominal, adjunto adnominal reflete um ensino muito fragmentado. Para que serve a análise sintática mesmo? Para eu ler melhor e para eu escrever melhor, para eu entender a leitura e para eu escrever bem, não é isso? Para que serve uma prova sobre análise sintática? Para que marcar o aluno com erro? Pois é, eu recebia uma redação do aluno que era um texto de meia página, se tinha doze erros, se eu marcasse os doze erros de uma vez, o que iria acontecer? Muitos alunos eu ouvi dizerem “eu não escrevo mais, esse trem não dá certo”. Então, se o professor vai devagarzinho e diz “há um parágrafo que está bom”. E depois? “Você vai crescendo, posso corrigir seu trabalho?” Ele vai concordar. Quando os meus ex-alunos fizeram um livrinho para mim, duas professoras corrigiram meus textos. Ou seja, o processo de escrita está em constante construção. Por que há tanta dificuldade para os alunos lerem e escreverem, se uma boa parte passou pela escola? É porque a escola não chegou a esse aluno, não o fez descobrir-se leitor, não o fez descobrir-se escritor. Todo mundo pode escrever, todo mundo pode ler, mas o aluno não fez essa descoberta, então, eu acho que o processo de avaliação deveria ser um processo muito pensado, muito refletido, muito acertado entre as pessoas, e não deveria ser tratado como se simplesmente se resolvesse

com um número. Eu acho que o processo de avaliação é um processo de crescimento do aluno como ser humano, como leitor ou escritor ou como alguém que se faz presente na comunidade.

Sobre a avaliação escolar, que passos podemos dar rumo a um processo de mudanças?

Eu acho que o salário é um problema triste, sabe. A grande dificuldade que nós [professores da Universidade] tínhamos era isso, os professores da rede argumentavam: “você ganha bem melhor do que eu, você tem muito menos aluno do que eu, então, não é vantagem...” Eu só dizia para eles assim: “eu gostaria que tivessem o mesmo número de aluno que eu, que ganhassem o mesmo salário que eu e que aproveitassem, como eu tenho aproveitado, para estudar mais do que eu. Se posso vir aqui fazer um encontro com vocês sobre leitura e escrita, é porque eu tenho estudado, é porque eu tenho pensado, é porque eu tenho refletido, não é à toa que venho aqui.” Então, esse fato de a escola me dar menos alunos, me pagar melhor é para eu me preparar mais e devolver alguma coisa à escola pública. Quando viajávamos para o interior do Estado, fomos muitas vezes a Ceres, Piracanjuba e outras cidades, os professores reclamavam muito que não tinham material, não podiam levar textos para os alunos e eram sobrecarregados em sala de aula. Havia professor que dava 40 aulas semanais, professor que tinha sete, oito turmas, um absurdo... Aquele professor não tinha condições de cuidar de muitos alunos. Ele deixaria muitos deles pela estrada. Um texto de uma secretária de educação americana, que li agora, diz assim: “a diretoria de escola tem que ser uma diretoria preparada, tem que estar à disposição dos professores, para que ela perceba os problemas que estão acontecendo na escola. Ela deve servir de ajuda aos professores, não os deixando sozinhos ou eles se tornam um ‘dador’ de aulas”. Isso é muito triste. Às vezes, o professor se torna refém do livro didático, o livro didático é quem manda nele, é quem vai dizer o que ele vai fazer em sala de aula, eu acho um absurdo isso. Os livros didáticos, se olharmos as divisões dele, veremos a fragmentação. Eu acho que a rede pública precisa ser mais cuidada, ser mais pensada. Penso que os nossos políticos poderiam estar voltados muito para ajudar a educação, para fazer leis que pudessem ser utilizadas em educação. Uma outra coisa que tem que ser resolvida é o professor ter que assumir disciplinas que não

são de sua formação. A rede pública recebe um pesado fardo e os professores não têm um bom salário. Os políticos e as pessoas que fazem educação, se quisessem, poderiam ser até heróis da Pátria, se pensassem um programa a partir da escola. O ruim dessa Secretaria de Educação, desses órgãos de educação, é que eles pensam a escola a partir do gabinete deles, a partir das salas deles. Acho que tinham que ir à escola, verificar o que está acontecendo lá. Houve até no ano passado escolas que caíram, ficaram destruídas, porque não há uma visita, não há uma frequência das autoridades em educação, há sempre uma distância de tudo em relação às escolas.

Quando a avaliação serve à exclusão do aluno?

Se não se atentar para os alunos, se não houver setores da escola que conheçam a vida dos alunos, por exemplo, um olhar simples, no horário do recreio, que verifique bem se algum menino está repetindo o lanche. Às vezes, um menino repete três vezes; se isso acontece, ele está sem comida em casa. Talvez ele seja tímido, tenha outras dificuldades... se a escola não está preocupada com isso, ela não sabe do que ele [o aluno] está precisando. Havia o livrinho *Minha escola é sopa*, a história do menino que só ia à escola para comer, ele não ia para estudar, então ele ganhava zero... até que alguém descobriu que isso acontecia, mas quando descobriu, ele morreu. Então, veja bem, o processo de avaliação deve considerar fatos como esse. Quanto à nota, eu acho que ela já é uma discriminação, porque quando você vai a uma turma dos bons, quem são os bons? Os de nota boa? Muitas vezes há uma aluna ali, na sala, que ajuda a arrumar, consegue coisas, mas ela não é da turma “dos bons”. Quem que é que se senta na frente? Às vezes, o professor distraído dá aula sempre para os da frente. Eu me preocupo, porque o professor tem que se movimentar, tem que dar aula para todos. Será que não modifica a avaliação dos alunos, o professor que dá aula só para os da frente?

Concluindo, Geraldo, o que você gostaria de propor sobre a avaliação escolar?

Por que o professor não aprende com o aluno, também? Por que aquilo que o aluno traz não é acrescido ao que o professor está pedindo? Hoje, o conhecimento é de uma amplitude que não tem tamanho, você

pode ir melhorando isso, ir transformando isso; por exemplo, pouca gente sabe a exploração que a mãe África sofreu por todos os continentes do mundo. Então, não há uma reflexão, um pensar sobre a mãe África, sobre aquele povo. Se essa reflexão acontecesse, o professor estaria aumentando o conhecimento das pessoas no mundo. Mas o Capitalismo não favorece isso. O capital é só capital, ele é corrupto e corruptor. No Brasil, a corrupção vem desde as nossas casas, se pudermos arranjar um emprego melhor para os nossos filhos, para os nossos parentes, nós vamos arrumar. Então, isso tem que ser trabalhado em toda a sociedade, não é só dizer que alguns são corruptos e outros não. Seria, por exemplo, fortalecer a escola, melhorar as escolas em todos os setores e daqui, quem sabe, a dez anos teremos diminuído a corrupção em 5%, depois em 10%, até chegarmos a um índice satisfatório. Essa avaliação o professor não faz, o professor só fica dentro daquela avaliação numérica, na materiazinha dele.